

Os Poderes de uma Vontade Eurocêntrica: os discursos hegemônicos de poder e conhecimento científico sobre a compreensão astronômica dos Dogons

The Powers of a Eurocentric Will: The hegemonic discourses of power and scientific knowledge on the Dogon's Astronomical Understanding.

André Luis Martins Amaral

Mestrando em História

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

andre.ufmg.dri@gmail.com

Recebido: 24/04/2024

Aprovado: 30/01/2025

Resumo: Este artigo busca realizar uma análise epistemológica e comparativa do discurso entre Marcel Griaule e Germaine Dieterlen, Robert Temple e Carl Sagan sobre o conhecimento astronômico dos Dogons. Por meio de diversas teorias desenvolvidas, esses estudiosos tentaram explicar a complexa cosmologia desses povos, que residem na região da Chapada de Bandiagara, no Mali. O objetivo é apresentar a história dos Dogons, a fim de situá-los no continente africano, demonstrando como ocorreu a resistência de suas tradições. Estas continuam despertando interesse entre estudiosos e turistas ao redor do mundo até os dias atuais. Entre a convivência com alienígenas⁴⁶ e os conhecimentos adquiridos pelo contato com europeus no final do século XIX⁴⁷, a análise se baseará nas teorias apresentadas por Mudimbe e nos estudos sobre o Orientalismo de Edward Said. O objetivo é demonstrar como a literatura eurocêntrica concentra-se na desvalorização dos conhecimentos das sociedades africanas, alimentada por um etnocentrismo epistemológico que acredita que "cientificamente não há nada para aprender com 'eles', exceto se já for 'nosso' ou surgir de 'nós'"⁴⁸.

Palavras Chaves: Dogons; Astronomia; História do Mali

⁴⁶ Segundo Júlio Arrieta: "Dentro dessa escola científica, uma obra que destacou pela aparente solidez de sua argumentação e pela evidência antropológica em que se baseia. Se trata de *The Sirius Mystery* (1978), de Robert K.G. Temple. Este livro foi reeditado recentemente, e as ideias que nele são recolhidos voltaram a receber algum eco na imprensa pseudocientífica, especialmente nas revistas *Más Allá* y *Año Cero*."

⁴⁷ Tese defendida por Carl Sagan.

⁴⁸ MUDIMBE, Valentin-Yves. Discurso de poder e o conhecimento da alteridade. In: *A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Luanda/Mangualde (Portugal): Edições Mulemba/Edições Pedagogo, 2013.

Abstract: this article seeks to perform an epistemological and comparative analysis of the discourse between Marcel Griaule and Dieterlen, Robert Temple, and Carl Sagan on the astronomical knowledge of the Dogon people. Through various theories developed, these scholars attempted to explain the complex cosmology of these peoples, who reside in the region of the Bandiagara Escarpment in Mali. The aim is to present the history of the Dogon people, in order to situate them within the African continent, demonstrating how their traditions have persisted. These traditions continue to arouse interest among scholars and tourists worldwide to this day. Between encounters with aliens and knowledge acquired through contact with Europeans in the late 19th century, the analysis will be based on the theories presented by Mudimbe and studies on Edward Said's Orientalism. The goal is to demonstrate how Eurocentric literature focuses on devaluing the knowledge of African societies, fueled by an epistemological ethnocentrism that believes that "scientifically there is nothing to learn from 'them,' except if it is already 'ours' or arises from 'us'."

Keywords: Dogon; Astronomy; Mali History

Os Dogons

Os Dogons são uma sociedade africana que reside na região da Chapada de Bandiagara, no Mali. Uma consciência de nação Dogon começou a surgir entre os séculos XVI e XVII⁴⁹ como uma forma de se proteger contra as incursões provocadas pelos Estados centralizados que exerciam domínio sobre aquela região.⁵⁰ Causa estranheza o fato de uma sociedade com uma população estimada em 450 mil pessoas estar localizada em um local tão íngreme quanto a Chapada de Bandiagara. Segundo Denise Barros, essa localização e a não islamização dos Dogons causaram fascínio entre os pesquisadores, que viram em sua complexa cultura, suas representações e cosmologia um espaço propício para realizar incriveis trabalhos antropológicos:

O hipotético isolamento atribuído à população das montanhas refratária à islamização – então chamada de Habbé⁵¹ – iria intensificar o efeito e o fascínio que têm exercido desde a década de 1930 sobre os viajantes, administradores e, posteriormente, sobre os pesquisadores, a mídia, os turistas e os aventureiros de nossos dias. Desde então, inúmeros trabalhos têm sido realizados na região em domínios disciplinares diversos: arqueologia, história, sociologia, antropologia e medicina. (BARROS, 2005, p.764)

⁴⁹ Segundo Huizinga (Huet, 1994), os Tellem migraram do sul e teriam permanecido à margem da expansão do Império do Mali, vivendo em lugares altamente defensivos.

⁵⁰ Sobre a raia como estratégia de combate, que buscavam obter animais e escravos, empregados na agricultura ou servos e ainda auxiliares em suas infantarias ver: BARROS, DD. Situar. In: Itinerários da loucura em territórios Dogon. 2004.

⁵¹ Habbé significa pagão na língua fulfulde, foi usado pelos Peul para designar a população que vivia no planalto e nas escarpas da falésia de Bandiagara. Na literatura, o nome Dogon foi utilizado pela primeira vez em 1907 por Desplagnes.

A forma de organização social que tem sido conservada entre os Dogons é a de uma sociedade patrilinear, que “se baseia em um sistema de linhagens que se desdobram em segmentos e grupos domésticos, sendo patrilinear e virilocal.” (BARROS, 2004, p.30). Esta organização é constituída pelo ancestral masculino, seus filhos, filhas e os filhos de seus filhos. Os Dogons também são caracterizados por serem extremamente preocupados com as crianças. Um dos primeiros trabalhos do antropólogo francês Marcel Griaule junto aos Dogons foi o exercício de relatar sobre os jogos das crianças, fazendo comparações entre os jogos das crianças europeias, que ocorrem em um ambiente artificial na escola, e os jogos das crianças Dogons, que têm como objetivo prepará-las para o futuro, como um aprendizado para a vida difícil que enfrentarão. (GRIAULE, 1939, pp. 221-223).

A região conhecida como "país Dogon" foi ocupada militarmente pela França em 1893, com a criação do posto de Bandiagara, e permaneceu nessa situação até a independência do Mali em 1960. Devido à presença francesa de longa data no Mali, é possível imaginar que as relações bem-sucedidas entre os Dogons e os antropólogos franceses não tenham ocorrido de maneira totalmente pacífica inicialmente. É importante salientar que, após a independência, o Mali substituiu os governantes franceses, mas manteve a organização que havia sido estabelecida por eles.

Segundo Ortiz de Montellano, os Dogons também são conhecidos pela sua extrema complexidade e precisão ao descrever questões astronômicas que fazem parte da sua cultura oral e se relacionam com a sua complexa cosmologia, centrada no sistema estelar Sírius. Com a chegada dos antropólogos franceses⁵², foi possível descobrir que os Dogons já tinham conhecimento da existência dos anéis de Saturno, das luas de Júpiter e da estrutura espiral da Via Láctea, além de possuírem um entendimento complexo do sistema estelar Sírius, incluindo a sua companheira anã branca, Sírius B (ou Po Tolo, "estrela de Digitaria"), sua massa, seu período orbital de 50 anos e seu período de rotação axial de um ano. (ORTIZ DE MONTELLANO, 1996, pp. 39-42).

As características da Sírius B, levaram os astrônomos a classificá-la como uma anã branca, pois esta é uma estrela quente, de luminosidade muito fraca, com massa da ordem da massa do Sol, com raio aproximadamente de 5.000 km, e densidade entre 109 e 1011 kg/m³. Como afirma José Maria Bassalo, muitos antropólogos surpreenderam-se ao contrariar as observações precisas que os Dogons tinham sobre aquela estrela, uma vez que as informações que se obtiveram sobre a companheira de Sírius eram recentes.

⁵² A equipe guiada por Griaule em 1936, era composta por seis homens europeus: Griaule (etnólogo, chefe da missão), Lager (botânico, subchefe), Leiris (escritor, arquivista), Pingault (fotógrafo e cinegrafista), Monchet (lingüista) e Schaeffner (musicólogo).

Em 1844, o astrônomo alemão Friedrich Wilhelm Bessel (1784-1846), propôs a existência de uma companheira dessa estrela ao observar que o seu movimento era ondulado. Em 1862, Alvan Graham Clark (1832-1897) descobriu acidentalmente a Sirius B, ao testar um telescópio refrator de 46,25 cm do Observatório de Dearborn. Em 1915, Walter Sydney Adams (1876-1956) observando as duas estrelas de Sirius, concluiu que a Sirius B era muito pequena (hoje se sabe que ela tem o tamanho da Terra), assim como sua massa e brilho, em relação à Sirius A. Em 1920, Sir Arthur Stanley Eddington (1882-1944) propôs que em tais estrelas, o campo gravitacional é tão forte que produz uma grande contração gravitacional, reduzindo-lhe o tamanho. Em 1926, Ralph Howard Fowler (1889-1944) formulou um modelo para a anã branca, mostrando que a pressão dos elétrons degenerados equilibra o puxão gravitacional. Em 1931, Subrahmanyan Chandrasekhar (1910-1995) desenvolveu um modelo que permitiu descobrir que nenhuma estrela anã branca pode ter massa maior do que 1,2 massas solares, valor esse que passou a ser conhecido como o limite de Chandrasekhar. (BASSALO, 2019, p. 1-2).

Muitos dos conhecimentos cosmológicos dos Dogons são questionados, levantando diversas perguntas sobre como eles têm conhecimento da existência do metal Segala, considerando que este metal não é encontrado na Terra. Como os Dogons conseguem ter informações tão precisas sobre a constelação de Sírius?

A cosmologia Dogon é uma intrincada teia de conhecimento transmitida oralmente ao longo das gerações, tendo como ponto central a estrela Po Tolo. Esta estrela desempenha um papel fundamental na compreensão do universo pelos Dogons, influenciando não apenas suas crenças religiosas, mas também sua organização social e ritualística. Em uma cerimônia conhecida como Sigui, realizada a cada sessenta anos, os Dogons celebram e reafirmam sua identidade cultural. Durante o Sigui, as máscaras são utilizadas como veículos simbólicos para representar a complexa cosmologia Dogon, incorporando elementos que remetem aos mitos, às divindades e aos princípios cósmicos fundamentais. Além de ser um momento de celebração, o Sigui também serve como um mecanismo para fortalecer a coesão social e reforçar a hierarquia dentro da sociedade Dogon, estabelecendo uma conexão profunda entre passado, presente e futuro. Esta cerimônia não apenas preserva a rica herança cultural dos Dogons, mas também perpetua a transmissão do conhecimento ancestral que molda sua compreensão do cosmos e seu lugar nele. (BARROS, 2004, P.36).

Marcel Griaule e Germaine Dieterlen e o Sistema Sirius Sudanês

Marcel Griaule, renomado antropólogo francês, foi pioneiro no registro e estudo da cosmologia Dogon. Ele estabeleceu uma relação próxima com o povo Dogon durante os trabalhos de campo da Missão Dakar-Djibouti, iniciados em 1931. Ao lado de sua equipe, Griaule e sua colaboradora Germaine Dieterlen viveram entre os Dogons por um longo período, ganhando sua confiança e obtendo um profundo insight em sua cultura e tradições. Foi durante essa imersão que os Dogons compartilharam com eles seus notáveis conhecimentos, culminando em uma singular e unificada declaração. Nesse trabalho, Griaule e Dieterlen descreveram em detalhes uma cerimônia de renovação do mundo conhecida como Segui, intimamente associada à brilhante estrela Sirius B (ou Sigu Tolo, "estrela de Segui"), uma cerimônia realizada pelos Dogons a cada sessenta anos para marcar ciclos significativos na sua cosmologia e na sua relação com o cosmos. (ORTIZ DE MONTELLANO, 1996, pp. 39).

A pesquisadora Denise Barros em seu texto *Os sonhos dos outros: travessias pela etnografia francesa* levanta a questão sobre a personalidade de Griaule, sugerindo que ele possivelmente era um homem dinâmico e cheio de energia, impulsionado por um desejo pessoal de conquista e domínio, o que o levava a se referir a si mesmo na terceira pessoa com frequência.⁵³ Ao discutir o trabalho de Giobellina Brumana, no seu texto *Soñando con los Dogons: en los orígenes de la etnografía francesa* de 2005, Barros enfatiza que “essa forma discursiva é expressão da autocomplacência e integra seu projeto heróico”. (BARROS, 2005, p.764).

Publicado por Griaule e Dieterlen em 1950, "A Sudanese Sirius System" é resultado de um extenso trabalho realizado entre quatro povos sudaneses: Dogon, Bambara, Bozo e Minianka. A pesquisa principal foi conduzida entre os Dogon entre 1946 e 1950, com a colaboração de quatro informantes-chave. Griaule apresenta esses informantes e ressalta que os desafios relacionados a como esses povos adquiriram conhecimento sobre os movimentos e características de certas estrelas não foram abordados, pois os autores optaram por apresentar os documentos em seu "estado bruto".

Griaule e Dieterlen detalham em seu trabalho, por meio de representações visuais e explicações minuciosas, o método empregado pelos Dogons para calcular o tempo do Segui, uma cerimônia

⁵³ Tomo como exemplo o artigo escrito por Griaule para o Journal de la Société des Africanistes, onde ele menciona um pouco sobre o trabalho que tem feito para sua tese de doutorado em letras. Nesse artigo, Griaule escreve em terceira pessoa, o que pode confundir o leitor, levando-o a imaginar que se trata de uma referência a ele por outra pessoa, quando na verdade foi ele próprio quem escreveu: “Os documentos foram coletados por Griaule, entre os penhascos dos Dogons de Bandiagara, no Sudão Francês, em 86 aldeias espalhadas por uma pequena área de 80 km de extensão e 10 km de largura” (GRIAULE, Marcel. Jeux dogons. In: Journal de la Société des Africanistes, 1939. tome 9. fascicule 2. p. 222).

tradicional realizada a cada 60 anos como simbolismo da renovação do mundo. Além de abordar a relação entre o cálculo temporal e a realização da cerimônia, os autores destacam o papel fundamental das máscaras nas celebrações, as quais são representativas das órbitas das estrelas.

Conforme descrito por Griaule e Dieterlen, Sirius não constitui a base do sistema, mas sim um dos focos da órbita da pequena estrela conhecida como Digitaria (Po Tolo). Essa distinção é fundamental para compreender a cosmovisão dos Dogons e sua complexa relação com o cosmos.

Sirius aparece vermelho aos olhos, Digitaria branco. Este último está na origem das coisas. "Deus criou a Digitaria antes de qualquer outra estrela". É o "ovo do mundo", infinitamente pequeno e, à medida que se desenvolveu, deu origem a tudo o que existe, visível ou invisível. É composto de três dos quatro elementos básicos: ar, fogo e água. O elemento terra é substituído por metal (sagala). (GRIAULE; DIETERLEN; 1950, p. 42).

Po Tolo é considerado pelos Dogons como "o celeiro de tudo no mundo".⁵⁴ Os autores detalham as origens, características e órbita da Digitaria, descrevendo-a como: "A órbita de Digitaria está situada no centro do mundo, 'Digitaria é o eixo do mundo inteiro',⁵⁵ e, sem esse movimento, nenhuma outra estrela poderia manter seu curso". Além disso, Griaule e Dieterlen descrevem outras estrelas do Sistema Sirius e suas características entre os Bambaras e os Bozos. (GRIAULE; DIETERLEN; 1950, p.44)

Griaule viveu entre os Dogons até sua morte em 1956, e muitos escritos sugerem que, devido à confiança conquistada, o antropólogo francês se tornou parte da cultura Dogon. Diante dessa afirmação, concordo com Ortiz de Montellano, que sugere que Griaule, durante esse processo, provavelmente interpretou algumas declarações de seus informantes à luz de seu próprio conhecimento sobre Sirius e sua estrela companheira. (ORTIZ DE MONTELLANO, 1996, p. 40). Como Walter Van Beek sustenta a tese de que, "embora um antropólogo possa vivenciar uma experiência etnográfica profunda em seu trabalho de campo, acredito que ele ainda é capaz de revisá-la até certo ponto." Para o autor o conhecimento Dogon têm seu conteúdo fluido, em vez de fixo, e que os dogons de hoje, não reconhecem por total os mitos secretos e a cosmologia, documentada por Griaule na primeira metade do século XX. (VAN BEEK, 1991, pp. 139-167).

Com a morte de Griaule em 1956, Dieterlen continua o trabalho iniciado, o que dá origem a diversas teorias que criticam as obras dos autores, principalmente por não permitirem uma

⁵⁴ aduno kize fu guyoy.

⁵⁵ po tolo aduno fu dudun gowoy.

comprovação empírica dos dados apresentados por eles. Além disso, surgem objeções à insistência dos pesquisadores em compreender a sociedade por meio de suas narrativas míticas, bem como à concentração na interpretação simbólica e na busca de significados subjacentes e secretos aos fenômenos estudados. (BARROS, 2005, p. 765).

Robert Temple e o contato com extraterrestres

Diante do avançado conhecimento astronômico dos Dogons descrito por Griaule e Dieterlen, surgiram teses que buscavam explicar a origem desse conhecimento. Em 1976, Robert Temple publicou "The Sirius Mystery", sugerindo que o notável entendimento astronômico dos egípcios e dos Dogons era resultado de visitas por habitantes do sistema estelar Sírius.⁵⁶

Temple inicia seu livro com uma citação de Griaule, na qual o antropólogo descreve a estrela de Dogon como o ponto de origem de toda a criação, destacando como seu movimento em torno de Sirius sustenta todo o cosmos e como a órbita de Po Tolo determina o calendário das cerimônias do Sigui. De maneira sarcástica, Robert Temple ironiza o fato de os Dogons terem compartilhado sua sabedoria com Griaule e Dieterlen.

Pois este artigo trata exclusivamente do mais segredo de todas as tradições dos Dogon, os quais, após anos vivendo com eles, os antropólogos Griaule e Dieterlen haviam conseguido extrair de quatro de seus padres-chefes, depois de uma conferência sacerdotal especial entre a tribo e uma "decisão política" de divulgar seus segredos a Marcel Griaule, o primeiro forasteiro de sua história a inspirar confiança. (TEMPLE, 1999, p. 3).

Ao tentar explicar como os Dogons adquiriram um conhecimento tão extraordinário e sugerir que isso implicava em visitas extraterrestres à Terra, Temple revela que enfrentou obstáculos por parte de outros intelectuais, que o rotulavam como alguém que escreve sobre "homenzinhos verdes no espaço sideral", uma categoria nada invejável. No entanto, Temple argumenta que esta deveria ser uma investigação séria e pondera sobre a possibilidade de pedir desculpas pelo tema, mas conclui que isso seria inútil.

Temple continua com sua ironia ao mencionar o fato de os Dogons terem compartilhado suas tradições com Griaule, aparentemente sem o temor de que essas tradições pudessem se extinguir no processo:

⁵⁶ Usaremos para essa análise a segunda edição de 1999: TEMPLE, Robert K. G. *The Sirius mystery: new scientific evidence of alien contact 5.000 years ago*. (2nd ed.). London, UK: Arrow. 1999.

Na era moderna, pela primeira vez as tradições secretas podem ser reveladas sem o perigo de que elas se extinga no processo. Pode ser que os Dogon chegaram a perceber algo disso quando, através de algum instinto poderoso e depois de consultas mútuas entre os mais altos sacerdotes, eles decidiram dar o passo sem precedentes de tornar públicos seus maiores mistérios?. (TEMPLE, 1999, p. 5).

Sem muito esforço, Temple generaliza as sociedades africanas ao estabelecer conexões entre os Dogons e os antigos egípcios, sugerindo que isso pode indicar um contato no passado distante entre nosso planeta e uma raça de seres inteligentes de outro sistema planetário, situado a vários anos-luz de distância no espaço. Ao atribuir a si mesmo o crédito de sua pesquisa, Temple afirma que "por exemplo, um resultado de minha pesquisa, que começou de forma inofensiva com uma tribo africana, foi demonstrar a possibilidade de que a civilização como a conhecemos era, em primeiro lugar, uma importação de outra estrela." (TEMPLE, 1999, p. 6).

Questionando as pesquisas realizadas até então, Temple argumenta que as questões relacionadas à sabedoria Dogon não foram abordadas de maneira sofisticada até o momento. Ele sugere que os Dogons aprenderam todo esse conhecimento com seres anfíbios de uma civilização superior no sistema Sirius:

O que sabemos é que as pessoas primitivas de repente se viram vivendo em civilizações prósperas e opulentas e tudo aconteceu de forma abrupta. À luz das evidências relacionadas com a questão de Sírius, bem como outras evidências que ou foram tratadas por outros autores ou permanecem a ser abordadas no futuro, deve ser considerado como uma séria possibilidade de que a civilização neste planeta deve algo a uma visita de seres extraterrestres avançados. Não é necessário postular discos voadores, ou mesmo deuses em trajes espaciais. O meu próprio sentimento é que esta questão não foi tratada de uma maneira bastante sofisticada até agora. (TEMPLE, 1999, p. 7).

Carl Sagan e o aprendizado por meio do possível contato com europeus

No livro "Broca's Brain", Carl Sagan explora questões relacionadas à origem do mundo, da natureza e ao destino último do universo, com a ciência como tema central. No Capítulo 6, intitulado "White Dwarfs and Little Green Men", Sagan critica as afirmações feitas por Robert Temple em seu livro "The Sirius Mystery" sobre um possível contato com extraterrestres. Sagan chega à conclusão de que nenhuma das supostas evidências apresentadas por Temple é minimamente convincente para um eventual contato extraterrestre. (SAGAN, 1979, p. 95).

No entanto, Sagan reconhece os Dogons como uma exceção entre os relatos conhecidos, pois postulam possuir um conhecimento preciso de conceitos físicos ou astronômicos modernos, apesar

de serem considerados uma civilização pré-científica. Para Sagan, "a única exceção conhecida é a notável mitologia elaborada em torno da estrela Sirius por um povo originalmente estabelecido na atual República do Mali, os Dogons". (SAGAN, 1979, p. 98).

No que se refere ao trabalho de Griaule, Carl Sagan expressa confiança em suas descobertas e não vê motivos para duvidar delas. No entanto, ele é extremamente crítico em relação às conclusões de Temple, as quais refuta repetidamente. Sagan destaca a profundidade do conhecimento dos Dogons sobre temas astronômicos como Júpiter, Saturno e as órbitas elípticas, reconhecendo sua notável sabedoria nesses assuntos.

Quando se trata de Sirius, Sagan enfatiza a importância histórica de Sirius B, que foi a primeira anã branca descoberta pela astrofísica moderna. Ele contextualiza essa descoberta em relação à tradição dos Dogons, destacando como a sabedoria deles se alinha, de certa forma, com os conhecimentos científicos contemporâneos.

Ao discutir a tradição oral dos Dogons, Sagan observa que ela é transmitida por meio de um método conhecido como "pau sobre a areia", onde informações são passadas de geração em geração de forma oral e visual. Ele utiliza essa tradição como ponto de partida para desenvolver sua tese de que "onde existe uma notável riqueza lendária tem, desde já, uma probabilidade muito mais elevada de que algum dos mitos sustentados coincidam acidentalmente com descobrimentos da ciência moderna." Isso sugere que os mitos podem, em alguns casos, conter vestígios de conhecimento antigo, adquirido de formas que ainda não compreendemos totalmente. (SAGAN, 1979, p. 100).

Sagan não oferece ao leitor outras possibilidades além das levantadas por ele ou das levantadas por Temple.

O conhecimento dos céus dos Dogons é totalmente impensável sem a ajuda do telescópio. A conclusão imediata é que essas pessoas mantiveram contatos com uma civilização tecnicamente avançada. A única pergunta a resolver é: que civilização? extraterrestre ou europeia?. (SAGAN, 1979, p. 103).

Sagan questiona os Dogons sobre por que eles não tinham conhecimento dos anéis de Urano e apresenta uma quantidade de livros publicados anteriormente à chegada de Griaule ao Sudão Francês, abordando questões relacionadas às massas e à formação das anãs brancas.⁵⁷

Como hipótese, Sagan busca explicar como teria sido o possível contato entre os Dogons e um visitante europeu no início do século XX, destacando uma hipótese marcada pela incerteza.

⁵⁷ (EDDINGTON, 1928; FOWLER, 1925 e CHANDRA-SEKNAR, 1934 e 1937).

Este viajante hipotético - por exemplo Richard Francis Burton - deveria ser encontrado em terra ocidentais africanos de várias décadas antes. A conversa começou para girar em torno do tema astronômico. Sirius é a estrela mais brilhante do mundo céu o povo Dogon deu ao visitante com sua mitologia sobre o estrela então, com um sorriso educado, cheio de expectativa, talvez pergunte ao visitante por seu mito sobre Sirius interessado na lenda de um povo estrangeiro em uma estrela tão importante. E também é muito possível que, antes de responder, o viajante consultasse um livro surrado que Ele carregava em sua bagagem pessoal. Desde então a escuridão o companheiro de Sirius foi uma sensação de moda astronômica, o viajante trocou com os Dogons um mito espetacular por uma explicação rotineira. Uma vez que a tribo foi abandonada, sua explicação permanece viva nas memórias, foi reelaborada e, possivelmente, incorporada à sua maneira no *corpus* mitológico Dogon, ou pelo menos um de suas ramas colaterais (talvez registrado como "mitos sobre Sirius, história dos povos da pele pálido). Quando Marcel Griaule realizou suas investigações mitológicas nos anos 30 e 40, ele se viu escrevendo uma versão reelaborada de seu próprio mito europeu sobre a estrela Sirius. (SAGAN, 1979, p. 106).

Além disso, Carl Sagan busca exemplificar como o médico Gajdusek teve contato com os guineanos e lhes explicou o efeito da penicilina para a cura de doenças como a lepra, levando esses povos da Nova Guiné a abandonar imediatamente práticas de sacrifício daqueles que estavam doentes. Carl Sagan finaliza seu capítulo refutando a ideia de contato com extraterrestres, dizendo que essa hipótese é impensável.

Dimensões de poder e alteridade

Se considerarmos o vasto conhecimento astronômico dos Dogons, conforme descrito por Griaule e Dieterlen, percebemos que várias teses foram elaboradas para explicar a origem desse conhecimento. No entanto, muitas dessas epistemologias foram marcadas por uma ligação ideológica e influenciadas por uma atitude eurocêntrica, como evidenciado nas especulações de escritores como Robert Temple e Carl Sagan. Essas especulações contribuíram para a construção de uma visão marginalizada da África, perpetuando uma posição de inferioridade. As teorias de Sagan, conforme descritas por Valentin-Yves Mudimbe, refletem uma mentalidade do século XIX sobre os "primitivos", sugerindo que cientificamente não há nada a ser aprendido com eles, a menos que já seja conhecimento ocidental.

Em suma, embora apresentadas na segunda parte do século XX, as hipóteses de Carl Sagan pertencem ao pensamento do século XIX sobre "primitivos". Em nome do poder e conhecimento científico, revelam de uma forma maravilhosa o que definirei [...] como um etnocentrismo epistemológico; nomeadamente, a crença de que

cientificamente não há nada a aprender com “eles”, excepto se já for “nosso” ou surgir de “nós”. (MUDIMBE, 2013).

Refletir sobre as dimensões de poder e dominação presentes nas obras de Sagan e Temple é fundamental. Através de formações discursivas e da construção de narrativas de alteridade, esses autores contribuíram para a marginalização da África, enquadrando-a dentro de paradigmas eurocêntricos de análise. Embora o trabalho de campo realizado por Griaule e Dieterlen seja amplamente elogiado, inclusive por Mudimbe, é crucial reconhecer que esse trabalho está enraizado em um contexto colonial e europeu, como observado por Said. (SAID, 1990). Griaule e Dieterlen, assim como Temple e Sagan, podem ser interpretados como parte de um sistema de superioridade, contribuindo para a desqualificação da África e perpetuando sua definição como um espaço marginal, moldado por paradigmas eurocêntricos de análise. Ao confrontarmos essas narrativas e paradigmas, é importante questionar as relações de poder subjacentes e buscar uma compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade de perspectivas e conhecimentos existentes no mundo.

Considerando a análise de Said sobre o orientalismo e sua dependência de uma suposta superioridade do Ocidente sobre o Oriente, podemos situar o trabalho de Griaule nesse contexto (SAID, 1990, p. 19). Apesar de se retratar como um estudioso respeitoso e bem-intencionado, Griaule está inevitavelmente imerso em um contexto de superioridade eurocêntrica. Assim como Temple e Sagan, ele contribui para a manutenção desse espaço que desqualifica a África e a define como um lugar de negação dentro dos discursos ocidentais. Como observa Said, o orientalismo funciona como uma espécie de "biblioteca", um arquivo comum de representações sistematizadas, cujas ideias, valores e categorias permitem aos europeus descrever e classificar povos não ocidentais a partir de um olhar estruturado pela superioridade ocidental. Essa biblioteca cria um repertório de discursos pré definidos que explicam comportamentos, genealogias e mentalidades, estabelecendo uma hierarquia simbólica em que o Ocidente é sempre o padrão superior. (SAID, 1990, p.52).

Dentro desse contexto, Griaule opera com o que pode ser descrito como uma "superioridade posicional flexível", um mecanismo que permite aos intelectuais europeus ajustar suas representações para afirmar sua autoridade sobre os povos africanos. Essa flexibilidade, articulada no interior da "biblioteca" orientalista, permite que Griaule, ao mesmo tempo em que se apresenta como um admirador das culturas africanas, submeta essas mesmas culturas a uma lógica discursiva que reforça estereótipos e as adapta aos valores e interesses ocidentais. Dessa forma, o trabalho de Griaule não apenas exemplifica as dinâmicas de poder presentes nos estudos eurocêntricos, mas também evidencia

como essa "superioridade flexível" molda as representações dos povos africanos dentro do espaço da "biblioteca". Mesmo quando busca retratar essas culturas de forma aparentemente positiva, ele perpetua a lógica hierárquica e subalterna que sustenta o discurso ocidental, limitando as possibilidades de um entendimento verdadeiramente equitativo da diversidade cultural.

Portanto, ao refletirmos sobre o trabalho de Griaule e seus contemporâneos, é essencial reconhecer não apenas suas contribuições para o estudo da cultura africana, mas também os complexos sistemas de poder e dominação que moldaram suas abordagens e interpretações. O trabalho de Griaule pode ser posicionado no contexto da chamada narrativa científica da anticonquista, que lhe permite apresentar-se como um estudioso benevolente e admirador das culturas africanas, ao mesmo tempo em que reforça dinâmicas de poder eurocêtricas. (PRATT, 1999). Essa postura, típica dos discursos coloniais, molda a figura de Griaule como um observador aparentemente neutro e respeitoso, mas que inevitavelmente contribui para a manutenção de hierarquias de conhecimento, nas quais o Ocidente ocupa o lugar de autoridade e universalidade, enquanto deslegitima ou reduz as culturas estudadas a objetos de interpretação externa. Somente ao questionarmos e desafiarmos essas estruturas de poder, mascaradas por discursos de admiração e respeito, podemos verdadeiramente buscar uma compreensão mais justa e equitativa da diversidade cultural do mundo.⁵⁸ Assim como Temple, com sua ideia de contato com extraterrestres, e Sagan, com sua crença em trocas com europeus, Griaule e Dieterlen contribuem para a manutenção de um discurso que desqualifica a África e a define como um lugar de negação.

Referências Bibliográficas

APTER, Andrew. **Griaule's Legacy: Rethinking "la parole claire"** in Dogon Studies. Cahiers d'Études africaines, XLV (1), 177, 2005, pp. 95-129.

ARRIETA, Julio. **Dogon, un misterio inexistente.** El escéptico. Madrid. Primavera 2000. p. 54-58.

BARROS, DD. **Itinerários da loucura em territórios Dogon.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Loucura & Civilização collection, pp. 21-38. ISBN 978-85-7541-332-6. Available from SciELO Books .

⁵⁸ Griaule (Marcel). Jeux dogons. . In: Journal de la Société des Africanistes, 1939, tome 9, fascicule 2. pp. 221-223; Nesse trabalho, Griaule, faz comparação entre os jogos das crianças europeias que estão em um ambiente artificial na escola e as crianças Dogons, que segundo ele, jogam de maneira a "brincar" com a realidade que não será fácil no futuro.

BARROS, DD. Os sonhos dos outros: travessias pela etnografia francesa. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, SÃO PAULO, USP, 2005, V. 48 Nº 2. pp. 759-768.

BASSALO, José Maria. O povo Dogon e a Estrela Dupla de Sírius. Curiosidades da Física. **Seara da Ciência**. UFC. 2019. disponível em: <https://seara.ufc.br/wp-content/uploads/2019/03/folclore22.pdf> . Acesso em 24 de abril de 2024.

GIOBELLINA BRUMANA, F. **Soñando con los Dogon**. En los orígenes de la etnografía francesa. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 2005.

GRIAULE, Marcel. Jeux dogons. In: **Journal de la Société des Africanistes**, 1939. tome 9. fascicule 2. pp. 221-223;

GRIAULE, Marcel. DIETERLEN, G. Un Système soudanais de Sirius. **Journal des Africanistes**. 1950. nº 20-2. p. 36-51.

JOLLY, Éric. **Démasquer la Société Dogon**: Sahara-Soudan (janvier-avril 1935). Série “Missions, enquêtes et terrains - Années 1930”.Coordonnée par Christine Laurière. 2014.

MUDIMBE, Valentin-Yves. Discurso de poder e o conhecimento da alteridade. In: **A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Luanda/Mangualde (Portugal): Edições Mulemba/Edições Pedago, 2013.

ORTIZ DE MONTELLANO, Bernard. **The Dogon People Revisited**. Skeptical Inquirer. 1996. 39-42. disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281492298_The_Dogon_People_Revisited. acessado em 20 de abril de 2019.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

SAGAN, Carl. **Broca's Brain**: Reflections on the Romance of Science. 1979.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente / Edward W. Said; tradução: Tomás Rosa Bueno. - São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

TEMPLE, Robert K. G. **The Sirius mystery**: new scientific evidence of alien contact 5.000 years ago. (2nd ed.). London, UK: Arrow. 1999.

VAN BEEK, Walter E. **A. Dogon Restudied A Filed Evaluation of the Work of Marcel Griaule**, Current Anthropology, 1991. nº. 2, 139–167.